

## **DO RISO QUE SE LEVA A SÉRIO: SÁTIRA E RESISTÊNCIA EM O MISTÉRIO DA ILHA DO PAVÃO, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO**

Lana Kaíne Leal<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Maranhão  
(lkleal@hotmail.com)

**Resumo:** Este estudo propõe uma análise do romance *O feitiço da ilha do Pavão* (1997), de João Ubaldo Ribeiro, a fim de compreender como a sátira pode ser interpretada como uma arma de resistência na tessitura ubaldiana. Interessa a este trabalho estudar o episódio da “Batalha do borra-botas”, que faz referência aos conflitos entre índios e portugueses no período colonial brasileiro. Dessa forma, a partir de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, busca-se identificar e analisar as passagens nas quais, por meio da sátira, a imagem do índio é rerepresentada de forma a romper com visões preestabelecidas pelo discurso colonizador, o qual apresentava o índio como um bom selvagem, dotado de pacificidade. Como hipótese de análise, acredita-se que João Ubaldo satiriza a visão eurocêntrica do nativo no Brasil, e seguindo as tendências literárias surgidas no modernismo brasileiro, sobretudo no *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade, tece duras críticas aos autores brasileiros que utilizaram em suas obras literárias personagens indígenas com características do pensamento europeu.

**Palavras-chave:** João Ubaldo; Nativo brasileiro; Sátira; Resistência; *O feitiço da ilha do Pavão*.

**Abstract:** This study aims to analyze the novel *O feitiço da ilha do Pavão* (1997), by João Ubaldo Ribeiro, in order to comprehend in which way a satire can be interpreted as a weapon of resistance on ubaldian tessitura. It is of interest of this paper the study of the “Batalha do borra-botas”, which does reference to the conflict among Indians and Portuguese in Brazilian colonial period. Therefore, through a qualitative and bibliographic research, we aim to identify and analyze the passages where, throughout he satire, the image of the Indian is reintroduced in a way that break apart from the visions that are predefined by the colonizer discourse, which presents the Indian as a noble savage endowed with pacifism. As the hypothesis of analyses, we believe that João Ubaldo satirize the Eurocentric vision of Brazilian native, and following the literary tendencies emerged with Brazilian modernism, especially on *Manifesto Antropófago* (1928), by Oswald de Andrade, strongly criticize the Brazilian authors that used, in their literary pieces, Indian characters with characteristics from European thought.

**Keywords:** João Ubaldo; Brazilian native; Satire; Resistance; *O feitiço da ilha do Pavão*.

**Resumen:** En este estudio se propone un análisis de la novela *O Mistério da Ilha do Pavão* (1997), de João Ubaldo Ribeiro, a fin de comprender cómo la sátira puede ser interpretada como un arma de resistencia en la tesitura ubaldiana. Interesa a este trabajo estudiar el episodio de la "Batalla del borra-botas", que hace referencia a los conflictos entre indios y portugueses en el período colonial brasileño. De esta forma, a partir de una investigación cualitativa y bibliográfica, se busca identificar y analizar los pasajes en los que, por medio de la sátira, la imagen del indio es rerepresentada de forma a romper con visiones preestablecidas por el discurso colonizador, lo cual presentaba el indio como un buen salvaje, dotado de paciencia. Como hipótesis de análisis, se cree que João Ubaldo satiriza la visión eurocéntrica del nativo en Brasil, y siguiendo las tendencias literarias surgidas en el modernismo brasileño, sobre todo en el Manifiesto Antropófago (1928), de Oswald de Andrade, hace duras críticas a los autores brasileños que, utilizaron en sus obras literarias personajes indígenas con características del pensamiento europeo.

<sup>1</sup> Possui Graduação em Letras Português e Francês com suas respectivas literaturas; e Mestrado em Letras, área de concentração Estudos Literários, ambos pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente, integra o quadro de professores provisórios da Universidade Federal do Maranhão, atuando no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

## Introdução

A formação cultural do povo brasileiro e as injustiças sociais que esse povo sofreu, e ainda sofre, tornaram-se temas recorrentes na produção literária de João Ubaldo Ribeiro, que produziu textos em diversos gêneros, como ensaios, contos, crônicas e, sobretudo, romances – entre os quais: *Viva o povo brasileiro* (1984); e *O feitiço da ilha do Pavão* (1997). Tais produções literárias se mostraram avessas a abordagens históricas que, ao basear-se na ideia de superioridade europeia, desvalorizavam a cultura brasileira. A esse respeito, Eneida Cunha (2007) afirma que João Ubaldo qualificava essas abordagens históricas tradicionais de “colonizadas”.

Nessa perspectiva, observa-se que, em sua obra intitulada *O feitiço da ilha do Pavão*, publicada em 1997, João Ubaldo apresenta uma narrativa que retoma momentos da história do Brasil, mais precisamente, da formação cultural brasileira no período colonial. Ao retratar os vários contatos entre índios, negros e brancos, que ocorreram no território brasileiro, observa-se o diálogo que o autor realiza com as ideias propostas anteriormente, em *Viva o povo brasileiro* (1984), as quais contrapõe o discurso das elites, possibilitando, dessa forma, a inserção do saber popular, que corresponde a valorização da presença dos indígenas e dos africanos na formação cultural da sociedade brasileira.

Contudo, em *O feitiço da ilha do Pavão*, observa-se que a crítica realizada pela tessitura ubaldiana à história oficial do Brasil ocorre por meio de elementos satíricos que, ao longo dos seus quarenta capítulos, focalizam várias personagens representativas das tensões existentes no período colonial, como os conflitos entre índios, negros e brancos, bem como a opressão que instituições políticas e religiosas submetiam à grande parte desses povos. Nesse sentido, cabe salientar que segundo Northrop Frye (1973), a sátira pode ser caracterizada como uma ironia militante cujo conteúdo visa uma atitude combativa. De modo análogo, André Comte-Sponville (1999) aponta a ironia e a sátira como armas que produzem um riso reflexivo, ou seja, “um riso que se leva a sério” (1999, p.2), por esse motivo, ao

ser comparada com o humor, a sátira não é considerada uma virtude pela abordagem ético-filosófica, uma vez que o riso produzido pelo humor é cúmplice das fraquezas humanas, e o riso produzido pela sátira é destruidor delas. Todavia, o presente estudo, interessa-se sobretudo pelo caráter combativo que os elementos satíricos possibilitam à produção literária de João Ubaldo Ribeiro.

Destarte, o presente estudo tem como objetivo compreender como a sátira pode ser interpretada como uma arma de resistência em *O feitiço da ilha do Pavão*, para tanto o recorte estabelecido para este trabalho se situa no embate entre índios e as instituições que detinham poder na narrativa em análise. Em suma, busca-se identificar e analisar as passagens nas quais, por meio da sátira, a imagem do índio é reapresentada de forma a romper com visões preestabelecidas pelo discurso colonizador, o qual apresentava o índio como um ser selvagem, tendo como lugar natural às matas. Portanto, como hipótese de análise, acredita-se que João Ubaldo satiriza a visão eurocêntrica do índio americano, assim como os autores brasileiros que utilizaram em suas obras personagens indígenas com características do pensamento europeu, apresentando o nativo como um bom selvagem, dotado de pureza e bons costumes.

### **João Ubaldo e Oswald de Andrade: um diálogo possível**

A partir da semana da arte moderna em 1922, a arte brasileira passou a ser discutida por meio de um olhar mais nacionalista. Os artistas daquele período passaram a inserir em suas obras, tanto literária quanto musical e nas artes plásticas, características que marcavam a realidade do povo brasileiro, dando ênfase para a problemática da formação cultural deste povo. Tal problemática foi abordada por Oswald de Andrade, em seu *Manifesto Antropófago* de 1928, o qual por meio da ironia criticava a posição de autores brasileiros que produziam seus textos com base na cultura dos colonizadores, omitindo a cultura das sociedades já existentes no território brasileiro, como podemos ver no personagem Peri, de José de Alencar, um índio “cheio de bons sentimentos portugueses” (ANDRADE, 1928). Em toda sua totalidade, os argumentos de Oswald de Andrade, em seu manifesto,

convergem para a não contaminação por regras preestabelecidas de pensar e fazer arte.

De acordo com Simeão Pereira Neto, em seu texto intitulado *O mito do bom selvagem no romance O Guarani*:

A criação do personagem Peri no romance *O Guarani* é inspirado na teoria do “bom selvagem” de Rousseau. Nela, o homem primitivo e selvagem é bom e puro por natureza – o oposto do homem civilizado, que é corrompido e cheio de mazelas. A obra de Alencar está voltada para a idealização heroica do índio, os valores como o bem, o belo, o justo e o verdadeiro são destacados no decorrer da narrativa levando o leitor à imaginação mítica. (NETO, p.3, 2012).

Como se pode observar na citação a cima, o autor romântico José de Alencar apresenta uma visão eurocêntrica do nativo brasileiro, visão esta que veio a ser duramente criticada por Oswald de Andrade (1928), que expôs a sua oposição a cultura colonial e aos “importadores” que traziam as ideias coloniais e implantavam uma “consciência enlatada” na cultura brasileira, tal adversidade era uma busca pela valorização do primitivismo, da originalidade nativa.

Ainda em relação ao elemento indígena na literatura brasileira, pode-se afirmar, de acordo com Heloisa Toller Gomes (2005), que o poeta maranhense Gonçalves Dias, no século XIX, também, havia se servido do indianismo romântico, no qual o índio era detentor das qualidades de virilidade e bravura com que idealizara o “bom selvagem”. Por outro lado, o autor do Manifesto Antropófago “rejeitava o falso purismo, condenando o indianismo, em sua feição ufanista e romântica” (GOMES, 2005, p. 42), assim como questionava o modelo cultural implantado pelo colonizador: “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade” (ANDRADE, 1928). Diante de tal quadro, observa-se que Oswald de Andrade (1928) propôs o retorno às origens, com o intuito de renovar o modelo cultural existente.

As ideias advogadas no *Manifesto Antropófago* de 1928, são observáveis na contracapa da obra *Vila Real* (1979), na qual João Ubaldo afirma que procura:

Fazer uma literatura vinculada as [suas] raízes, independente, não colonizada, comprometida com a afirmação da identidade brasileira. Procuro explorar a língua brasileira, o verbo brasileiro e, através dele,

contribuir para o aguçamento da consciência de nós mesmos, brasileiros. Sou contra as belas letras, a contrafacção, o elitismo. Acho que o principal problema do escritor brasileiro é a busca da nossa linguagem, do nosso fabulário, dos nossos valores próprios. (RIBEIRO, 1979).

A partir da passagem supracitada, torna-se possível relacionar a postura de João Ubaldo às tendências literárias surgidas no modernismo brasileiro, expressas no *Manifesto Antropófago* – de Oswald de Andrade, pois o autor valoriza em suas narrativas o caráter nacional, a linguagem popular, a hibridez da cultura brasileira, que é composta por índios, negros e brancos. Ainda, em diálogo com o pensamento oswaldiano, João Ubaldo não nega a cultura do *Outro*, ele nos apresenta uma narrativa, na qual expõem a coexistência entre várias culturas, e que a partir dela a identidade nacional do povo brasileiro é recriada.

### **A sátira como arma de resistência em *O feitiço da ilha do pavão***

Conforme Massaud Moisés, em seu *Dicionário de Termos Literários*, o vocábulo sátira tem origem latina, do mesmo campo semântico de “saturar”, cujo radical *sat*, do vocábulo *satura*, forma feminina de *satur*, significa saturado, muito, demasiado, misturado. Nesse sentido, a expressão *lanx satura* designava um prato cheio de frutos de vários tipos, que eram ofertados a deusa Ceres, deusa da vegetação e da terra. No âmbito da literatura, a sátira, criada pelos latinos, inicialmente, era escrita em verso, e em seguida passou a ser escrita em prosa, tanto em peças teatrais como, também, em prosas de ficção, e tem como características fundamentais, a mistura, o hibridismo e a heterogeneidade. Dessa forma, o tom narrativo sátira vale-se de vários recursos, como: a ironia, a deformação, o exagero, a acentuação do feio, a caricatura, a troça, a injúria, o ridículo, tudo isto com intuito de criticar as instituições ou pessoas, visando a censurar os males da sociedade ou dos indivíduos.

Ainda em conformidade com Moisés (2004), a sátira tem o ataque como “sua marca distintiva” (p.412), e “a insatisfação perante o estabelecido” (p.412) como a sua mola mestra, dessa forma aquele que satiriza procura ridicularizar os abusos da

sociedade, para isto recorre às normas morais impostas pela sociedade, e a partir delas rompe com estereótipos, crenças, superstições e dogmas.

No romance de João Ubaldo Ribeiro, *O feitiço da Ilha do Pavão*, a narrativa apresenta um lugar imaginário, o qual é utilizado para retratar as mazelas do período colonial brasileiro, mais precisamente, a imposição do poder pelos portugueses e pela igreja, e a luta destes pela manutenção desse poder sob os povos autóctones e negros escravizados. O romance ocorre em torno de três histórias concomitantes, o desejo de Iô Pepeu, filho de Capitão Cavalo – o homem mais poderoso da ilha, por Crescência, uma negra congolense; a união da Degredada “a feiticeira”, Hans – um holandês, Capitão Cavalo e Crescência, que visavam à proteção da Ilha; e a luta do índio Balduíno Galo Mau contra a perseguição do Mestre-de-campo e seus aliados, intitulada “Batalha do Borra-Bota” ou, de outro modo, “Sedição Silvícola”, sobre a qual situa as análises empreendidas a seguir.

Com vistas a oferecer elementos de análise à obra, cabe salientar as características atribuídas ao índio Balduíno, apresentadas pelo narrador no terceiro capítulo do romance:

Balduíno Galo Mau, índio tupinambá muito do péssimo no ver da maioria, homem de alto valor no ver de Iô Pepeu, rastejador mestre, doutor dos matos, amigo de todas as ervas, conhecedor de todos os bichos, íntimo de todas as árvores, velhaco como toda a mascataria levantina, matreiro como oitocentos curupiras, mentiroso como um frade viajante, o maior entendido em aguardente de cana de que se tem notícia, do fabrico ao desfrute – e a única coisa que lhe falta é saber falar direito língua batizada, mas há quem diga que é fingimento. (RIBEIRO, 1997, p.31).

Note-se que, no trecho mencionado, o índio Balduíno possui características que divergem da representação de um bom indígena, de valores nobres como a pureza, virilidade e cavalheirismo, aspectos característicos do nativo idealizado pelo romantismo no Brasil. Em contrapartida, o índio de João Ubaldo é velhaco, mentiroso, matreiro, o que não impede de ter conhecimentos das matas, das ervas, a ponto de conquistar o título de “doutor dos matos”. Observa-se, ainda, indícios do manuseio de estratégias de resistência desenvolvidas por Balduíno, uma vez que ele não demonstra o conhecimento linguístico adquirido com os portugueses,

subvertendo a ideia de passividade dos indígenas ao se relacionar com os europeus em solo americano.

Tal relação conflituosa se acentua a partir do momento em que a permanência dos índios na vila de São João foi proibida pelos governantes do local. Estes estabeleceram que os indígenas deveriam deixar a vila em três dias, ou seja, retornar para a natureza que Balduíno denominava como *mato*. Contudo, o índio Balduíno e seus companheiros recorreram da ordem imposta pela Câmara, que tinha a função de zelar pela ordem pública, e alegaram que:

– Índio não volta pro mato! – gritou Balduíno, com as veias do pescoço mais uma vez parecendo prestes a estourar. – Se mato é coisa boa, branco ia pro mato! Branco só quer coisa boa! Por que branco não vai pro mato?

– Mas por que tu não queres ir para o mato? Tu sempre disseste que o mato tinha tudo, a vida era melhor...

– Era! Isso quando índio era besta e descompreendido, não tinha aprendido nada, índio era besta. Era! Agora não é mais! Tem çucar no mato? Tem sal no mato? Tem fiambre no mato? Tem galinha gorda e dinheiro no mato? [...] No mato tem é bicho, tem mutuca, tem mosquito, tem potó, tem cobra jararaca, tem coceira, tem perreação, no mato tem é isso! Índio volta pro mato? Não, não, não, não! Índio não volta pro mato, já falou. (RIBEIRO, 2007, p. 38).

Nesta passagem, pode-se observar que o índio Balduíno utiliza-se de forma *canibalesca* a linguagem aprendida com os portugueses a fim de argumentar os motivos pelos quais a comunidade indígena da qual ele fazia parte se recusava a voltar para o *mato*. Salienta-se, neste ponto, que o termo canibalesco advém dos métodos de apropriação linguístico e cultural utilizado por Caliban, personagem de William Shakespeare em *The Tempest*, retomado no ensaio de Roberto Fernandez Retamar, em seu texto intitulado *Todo Caliban* (2004). Neste ensaio, Retamar recupera as leituras realizadas em torno de *The Tempest*, e apresenta o *conceito-metáfora* ou a *personagem conceitual* de Caliban, tornando-o, portanto, uma possibilidade de compreender a formação cultural latino-americana, e de construir condições de possibilidade de fala a partir deste lugar. Portanto, no ensaio de Retamar, a linguagem é apontada como aspecto fundamental para resistir ao discurso dos colonizadores:

Próspero invadió las islas, mató a nuestros ancestros, esclavizó a Caliban y le enseñó su idioma para entenderse con él: **Qué otra cosa puede hacer Caliban sino utilizar ese mismo idioma para maldecir, para desear que caiga sobre él la ‘roja plaga’?** No conozco otra metáfora más acertada de nuestra situación cultural, de nuestra realidad. [...] qué es nuestra historia, qué es nuestra cultura, sino la historia, sino la cultura de Caliban? (RETAMAR, 2004, p.33-34, grifo nosso).

Nestes termos, encontra-se a possibilidade de pensar a cultura de Caliban, nos termos do *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, como o resultado do devoramento da cultura do colonizador, da apropriação dos aspectos convenientes e da (re)significação dos modelos culturais existentes. Dessa forma, ao retornar a análise do romance de João Ubaldo, mais precisamente, a passagem em que o índio Balduíno e seus companheiros recusam-se a voltar para a natureza, manuseando a linguagem dos portugueses, interpreta-se tal prática como uma ação canibalesca de resistência, uma vez que houve contato entre a cultura do colonizador e a do nativo da ilha. No entanto, reforça-se a ideia de contrariedade ao posicionamento dos nativos presentes na literatura romântica, dado que o índio Balduíno não aceita as imposições dos colonizadores, recusando-se de forma risória o que lhe é imposto.

O riso provocado na passagem em análise, permite-nos pensar num meio de punir a atitude dos “colonizadores”, que impuseram sua cultura, seus costumes, sua religião aos povos autóctones. De acordo com Henri Bergson, em seu livro intitulado *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, publicado em 2007, a ação de rir tem uma função e significado social, pois esse gesto é realizado pelos indivíduos na sociedade, dessa forma, o ato de rir de alguém pode ser compreendido como um tipo de punição, que visa a correção de atitudes não aceitas pela sociedade. Acredita-se que o riso provocado pelo discurso do índio Balduíno possui características da sátira, por dizer a verdade em tom de brincadeira, permitindo ao leitor o riso e ao mesmo tempo uma reflexão sobre o fato ocorrido.

Vê-se que os índios tinham a sua cultura antes da chegada dos europeus, viviam com seus modos, tinham os seus nomes, bem como suas crenças. Todavia,



com a chegada dos europeus, os povos autóctones tiveram que se submeter aos costumes impostos por aqueles que invadiram suas terras. No entanto, os nativos não esqueceram as práticas que antecederam a chegada dos “colonizadores”, dessa forma, passaram a utilizar o que aprenderam a seu favor, contra aqueles que lhes queriam mal:

Era o seguinte: não estava ele vendo aquelas duas cabaças? Pois dentro delas fermentava, silenciosa e desapiedadamente, uma invencível calda da qual havia aprontado sabia-se lá quantas canadas, cozinhando a noite toda, bem apuradinho e fugindo do fumo das calderões, porque o fumo também provocava o efeito, bastavam uma ou duas cheiradas fundas para afetar o cheirador. Mas o quê? Era veneno? Balduíno pretendia envenenar aquele povo todo? Não, veneno nada de veneno, coisa muitíssimo melhor. (RIBEIRO, 2007, p. 63-64).

Note-se que, por meio dos conhecimentos da flora local, o índio Balduíno preparou uma substância com o objetivo de evitar um confronto direto com seus contestadores, uma vez que a coragem não era uma característica desse índio tupinambá. Mas, como ele e sua comunidade não queriam mais voltar a viver sem alimentos, objetos e dinheiro – hábitos que eram dispensáveis antes da chegada dos portugueses, decidiram empregar tal subterfúgio.

De acordo com Santini e Rocha (2009) o discurso satírico tem a visada ética como aspecto recorrente, independente da forma de realização, do alvo, ou do seu alcance. A face ética do discurso satírico se encontra na faculdade de jogar, dessa forma a sátira é motivada pela insatisfação dos costumes, da linguagem, e dos modos recorrentes de pensar. Nesse sentido, ao utilizar a sátira como recurso para criticar a colonização brasileira, o narrador nos permite pensar em uma sátira a própria literatura brasileira, mais precisamente, a autores do romantismo, os quais apresentavam um nativo com valores nobres e, sobretudo, pacíficos.

Por outro lado, pode-se caracterizar o discurso satírico, no romance *O feitiço da ilha do Pavão*, como um ataque aos costumes culturais impostos pelos colonizadores, que chegaram e demarcaram o território brasileiro como deles, desrespeitando aqueles que já habitavam a terra antes de sua chegada: impondo novos costumes, bem como expulsando os nativos de suas terras. Dessa forma, a

releitura da história oficial, exposta pelo narrador, constrói um discurso no qual os sujeitos marginalizados pela história oficial são rerepresentados não como figurantes, mas como sujeitos que reivindicaram seus direitos, enquanto aqueles que detinham o poder são punidos ao ridículo:

Se muitas batalhas antecedidas por gritos, bramidos e clamores, nenhuma se iniciou com uivo comparável ao de Dona Felicidade Divina Salustiano Couto de Melo Furtado, na manhãzinha do dia marcado para expulsão dos índios. A várias casas dali, já envergando seus trajes marciais e esperando a chegada do intendente, o mestre-de-campo Borges Lustosa teve um sobressalto. Que teria acontecido na casa de sua excelência? Uma tragédia? [...] Com a rapidez de decisão instintiva nos espíritos militares, o mestre-de-campo comunicou ao ajudante-de-ordens Josué Caldeira que imediatamente se dirigiam ambos à casa de Sua Excelência e que estivesse pronto para transmitir ordens de combate a qualquer instante (RIBEIRO, 1997, p.75-76).

Um pouco mais adiante:

Mas não ficou para ver se a ordem era cumprida, porque um espasmo irreprimível lhe convulsionou as tripas e antes que, já suando pelo corpo todo e ainda mais pálido, conseguisse arriar as calças diante do penicão que tinha procurado às carreiras, borrou-se irremediavelmente, num jorro copioso que não conseguia deter. Que fazer, Deus do céu? Aquele era o único uniforme que ainda lhe servia, não podia sair por aí todo emporcalhado, para mandar buscar calças em casa (RIBEIRO, 1997, p.76).

Tanto o mestre-de-campo quanto todos que lhe acompanharam na empreitada contra os índios para que estes voltassem para o mato, foram punidos, expostos ao ridículo, pois foram vencidos não por armas de fogo, mas por “feitiços” preparados pelo índio Balduíno, tais “feitiços” causaram dores de barriga e diarreia coletiva.

### **Considerações finais**

Levando-se em consideração a formação cultural brasileira e, sobretudo, a figura do indígena, que fora representado como um ser ingênuo, tanto em obras literárias quanto em documentos históricos, como, por exemplo, a “Carta do

achamento do Brasil” de Pero Vaz de Caminha (*apud* PEIXOTO & BRITES, 2000), observa-se que, em *O feitiço da ilha do Pavão*, encontram-se, por meio da sátira, duras críticas a imposição do poder pelos colonizadores bem como a marginalização de grande parte do povo brasileiro, que foi excluído e/ou mal representado por aqueles que detinham poder para representá-lo.

Nesse sentido, embora de forma risória, nota-se a presença de estratégias de resistência utilizadas pelo índio Balduíno na narrativa, ou seja, a ideia de passividade é recusada, tanto que o mestre-de-campo e seus aliados, representantes do governo da Vila de São João, foram expostos ao ridículo na Batalha do Borra-Botas, provocando, assim, o riso que se leva a sério, ou de outro modo, o riso reflexivo, que possibilita observar a violência existente no processo de repovoamento no Brasil: a imposição de uma cultura exógena; o roubo das terras dos nativos; e a marginalização dos não-europeus.

Portanto, em *O feitiço da ilha do Pavão*, o narrador apresenta um nativo que subverte, num tom satírico, modelos preestabelecidos do índio brasileiro, como um selvagem dotado de bons costumes eurocêntricos, pacífico. Em contrapartida, observa-se, no romance de João Ubaldo, um nativo que utiliza seus conhecimentos, entre os quais a linguagem, para reivindicar seus direitos, sobretudo, o direito de ficar no lugar que sempre fora dele.

Uma vez que o presente estudo se deteve na figura do índio, mais precisamente, na utilização do discurso satírico como forma de rompimento com as visões preestabelecidas pelo discurso colonizador. Acredita-se que é de suma importância futuros estudos com intuito de averiguar em *O feitiço da ilha do Pavão* a sátira à religião imposta, e a conduta dos religiosos que praticavam ações ilícitas para arrecadar dinheiro e permanecer no poder.

## Referências

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. *In: Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano*. Comentário e hipertextos de Raquel R. Souza. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/index.htm> >. Acesso em: 13 out. 2012.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GOMES, Heloisa Toller. Antropofagia. In: **Conceitos de literatura e cultura**. Eurídice Figueiredo (organizadora). Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005, p. 103-123.

HIGHET, Gilbert. **La tradicion clásica**. Influencias griegas y romanas en la literatura occidental. 2. V. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. (Lengua u estúdios literários).

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. Ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NETO, Simeão Pereira. O mito do bom selvagem no romance O guarani. Disponível em: < <http://www.cpgls.ucg.br/7mostra/Artigos1b.html>>. **Anais da 7ª Amostra de Produção Científica da Pós-Graduação Lato Sensu da Puc Goiás, 2012**. Acesso em: 09 set. 2013.

PEIXOTO, M. R. C.; BRITES, Olga. A carta de Pero Vaz de Caminha: leituras. **Projeto História**, São Paulo, n.20, abr. 2000, p. 239-251.

RETAMAR, Roberto Fernádes. **Todo Caliban**. Prefacio de Fredric Jameson. Buenos Aires: CLACSO, 2004.

RIBEIRO, João Ubaldo; **O feitiço da Ilha do Pavão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

RIBEIRO, João Ubaldo; **Vila Real**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

SANTINI, Juliana; ROCHA, C. R. Sátira e humor em Machado de Assis: dois casos exemplares. In: **Revista Signótica** [on line]. vol. 21, n. 1, p. 51 – 75, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/issue/view/756>>. Acesso em: 14 set. 2013.

Recebido em: 23/01/2017

Aceito em: 05/10/2017